

de reflexão: Apesar de estar convencida de que seu filho Kilden é a reencarnação do Pe. Jonathan, emocionalmente ela mantém dois tipos de afeição votados às duas personalidades. D. Marine ama maternalmente ao Kilden, como naturalmente uma boa mãe ama a seu filho. Entretanto, ela ainda conserva a profunda afeição que votava ao Pe. Jonathan, dele sentindo imensa saudade!

Como explicar esta dicotomia sentimental?

Este fato ensina-nos que há uma diferença real, embora **formal**, entre as **personalidades** manifestadas por um mesmo **Espírito** em suas sucessivas encarnações. Dissemos **formal**, no sentido das causas que originam os seres. Lembramos aqui as quatro categorias definidas por Aristóteles: Causa material, **causa formal**, causa eficiente e causa final. É a **forma** e não a substância, aquilo que, em nós, produz a imediata noção de diferença entre as personalidades assumidas por um mesmo Espírito em suas diversas encarnações. Por isso, podemos amar de maneiras diferentes a um mesmo Espírito, dependendo das **personalidades** por ele manifestadas quando encarnado. Esta, talvez, a razão da dualidade de sentimentos apresentada por D. Marine Waterloo, relativamente ao Pe. Jonathan e ao Kilden.

O nosso Espírito é uma **individualidade** que passa de encarnação a encarnação, enriquecendo paulatinamente o seu cabedal de informação e experiência. Cada vida é uma lição aprendida; é também um passo a mais, dado em direção à sua libertação da necessidade de retornar ao “samsarâ” (círculo vicioso das reencarnações sucessivas). Por conseguinte, a individualidade também se modifica e, geralmente, se aprimora; evolui. Pode, também, estacionar e até regredir moralmente, mas é raro.

Quando não orientado por forças superiores, a tendência do Espírito é retornar ao mesmo grupo de individualidades afins. Neste caso, o grupo vai prosseguindo em sua romagem pelo tempo e pelo espaço, entrelaçando as suas histórias, os seus dramas, os seus “**karmas**”. Os ódios, as vinganças, os interesses, as afinidades, as amizades e os **amores** constituem o objetivo de quase todas as reencarnações. É a **causa final** que atrai os Espíritos para a experiência de um novo nascimento.

Neste ponto, lembramo-nos das palavras do Buddha:

“Que pensais vós, ó discípulos, o que seja maior; as águas do vasto oceano ou as lágrimas que tendes vertido enquanto errais nesta longa peregrinação, precipitando-vos de novos nascimentos a novas mortes, unidos a quem odiais, separados de quem amais?”
(S a m y u t t a

Nikaya)

Parece-nos que o caso que ora estudamos é apenas um detalhe mínimo de um drama muito mais vasto; a “ponta de um iceberg...”

Vamos repetir uma passagem do **Relatório** de D. Marine Waterloo:

“A noite ia alta, e sob a janela, podia-se observar a Lua no céu límpido. As estrelas, tão distantes, banhadas em luar não eram tão belas quanto as folhas das palmeiras perto do dormitório. O gramado do pátio parecia cintilar e, no silêncio noturno, cortado apenas pelo ressonar das minhas colegas, meus dedos começaram a se engrossar, os braços e o corpo... A respiração cortada, quase que de minuto em minuto por uma ânsia estranha que parecia a morte. Sentei-me no leito e deitei-me em seguida. Tentei respirar fundo, voltada para a janela, todavia, uma fraqueza nos joelhos e nos braços deixou-me quase paralisada. Abri a boca, querendo engolir a maior quantidade de oxigênio possível. Tudo em vão. Aquele mal não era novidade para mim, porém a cada vez que acontecia, deixava-me mais apavorada.

“Durante os minutos que durava esse fenômeno bizarro, um luar diferente invadia a minha memória; um casarão, como se fosse um palácio opulento, esboçava-se-me e um quarto luxuoso, porém sem mostrar muitos detalhes... Nesse quarto uma cena repugnante que eu não conseguia entender (que, todavia, era obrigada a aceitar) e um homem muito branco, esquisito, parecendo anormal...”

“Tais cenas não se passavam nitidamente, obrigando-me a torturar minha memória, no intuito de descobrir alguma passagem semelhante na minha infância, ou em alguma leitura qualquer, feita por mim. Não era leitura nem coisa de infância, eu era adulta, dona daquele quarto luxuoso, figura principal naquela claridade absoluta.

“Era algo real, vivido por mim e que a memória não dava conta de alcançar totalmente...”

Em carta posterior a nós endereçada, D. Marine relatou com mais minúcias tais experiências de aparente recordação de cenas presenciadas em supostas existências anteriores. Eis um pequeno trecho desta carta escrita dia 19 de junho de 1994:

“Gostaria muito de ter um conhecimento do meu passado. Sinto que tenho algumas pontinhas que, se fossem puxadas, dariam para elucidar muitas coisas. Creio também que sou um Espírito muito antigo, que já passei milhares